

# cinemateca

## Depois do um vem o dois

O mar. Depois a floresta. O homem foi abrindo clareiras ali, construindo cidades acolá e eis que o conhecimento, a experiência aparece por si. Também podemos chamar o espírito da sobrevivência. É o lugar onde nasce e se cultiva a vida interior. O essencial do humano é ser isso mesmo. Aparece a imagem.

Encontramos elementos por todo o lado num pequeno espaço. Sonhamos, afinal que a terra existe e nós fazemos parte dela.

Ganhamos força para sonhar e comparar as nossas origens. Afinal somos nós: lidando com a existência no dia a dia, na nossa vida que imaginamos.

As árvores aproximam-se do sol e das estrelas. Encontrar essa harmonia que nos rodeia é um problema e é por isso que existimos ou não. Sei por própria experiência que cuidar do Paraíso dá muito trabalho. A nossa vida é encontrar a reflexão; encontrar as ideias germinadas no momento da própria vivência. É como a maturação em forma de luz, que nos protege e desamima ao mesmo tempo. Interessa a repetição e multiplicação da forma para atingir o significado. A composição é a repetição do pecado original, repete-se até atingir a perfeição ou não, mas ajuda-nos a compreender o problema.

Este processo dá origem à utilização da própria matéria: a luz , afinal o pensamento passou a ser a própria matéria viva.

Nas suas formas encontramos novos processos de composição, quer pela sua textura, quer pelo seu movimento ou ainda como julgamos que nos são apresentadas: o drama. Ver é único e pessoal. Pelas formas encontradas na Natureza, aprendemos o valor e o rigor de puxar para os limites da perfeição. No dia a dia encontramos a história da humanidade. Tudo já foi visto e revisto, só falta ser olhado e visto por nós para acrescentarmos a nossa parte ou encontrar o nosso espaço e chegarmos às origens outra vez. E tudo o resto é água.



# JOSÉ M. RODRIGUES

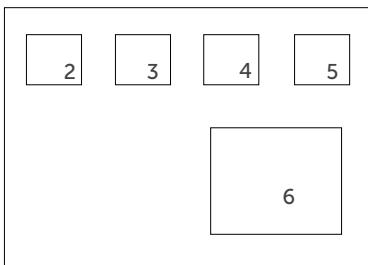
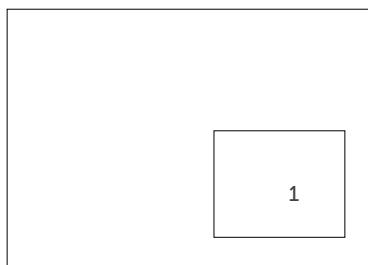
José Manuel Rodrigues (Portugal, 1951) viveu em Paris e nos Países Baixos (1969 – 1993) onde se formou em fotografia. Actualmente vive e trabalha em Évora e Amesterdão.

Foi co-fundador (1979) do grupo "Perspektief", em Roterdão que deu origem ao actual Instituto de Fotografia holandês. Foi membro do Amsterdamse Kunstraad (Concelho para as Artes de Amesterdão) entre 1987 e 1992. Trabalhou como fotógrafo na Akademie van Bouwkunst (Academia de Arte e Arquitectura) em Amesterdão entre 1980 e 1990. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em 1986-1987, e do Governo Holandês (Fonds voor de Beeldende Kunst) em 1992.

De entre as exposições individuais mais marcantes constam a retrospectiva *Ofertório*, Culturst (Lisboa, 1999); *Chorar por Água*, Arquivo Fotográfico de Lisboa (1999); *Elementos*, Galeria Pente 10 (Lisboa, 2008); e *Antologia Experimental*, Fundação Eugénio de Almeida / Museu de Pintura e Escultura de Ancara (Évora / Turquia 2008 / 2009), *Improvisos* Centro da Artes Sines, (2013), A Terra é Tua CAV, Coimbra (2014), *Shadow of a Doubt* Chiado8, 2014.

O seu trabalho está publicado em vários livros, monografias e catálogos. Recebeu o 'Prijs voor de Vrije Creatieve Opdracht' (Prémio de Fotografia Criativa holandês) em 1982. Em 1999 recebeu o Prémio Pessoa. É Comendador pela cidade de Évora.

A sua obra está representada em várias coleções privadas e públicas, entre as quais, em Portugal, na Culturst, Museu de Serralves, BES-Photo, Centro Português de Fotografia, Centro das Artes Visuais, e no estrangeiro no Dutch Art Foundation, Van Reekum Galerie (Apeldoorn), Prentenkabinet (Leiden), La Bibliothèque Nationale (Paris), entre outros. Ensinou fotografia em várias instituições e escolas nacionais e estrangeiras (Roterdão, Porto, Évora, Caldas de Rainha). É professor convidado no curso de mestrado em Artes Visuais na Universidade de Évora, no IADE em Lisboa. Atualmente professor convidado na Universidade de Évora.



1. Cabo Verde 1997
  2. Cabo Verde 1997
  3. Tomé 1995
  4. Tomé 1995
  5. Cabo Verde 1997
  6. Tomé 1995
- Provas de autor.  
Impressão digital em papel de algodão barite  
Hahnemühle FineArt

